

Ler os Livros e Crescer com Eles

WERNER ZOTZ*

entrevista a Eglê Malheiros**

A entrevista concedida pelo escritor Werner Zotz é importante por vários aspectos. Antes de mais nada, é cheia de interesse e encanto. Lendo-a, sentimos o entusiasmo e a dedicação que este artista e trabalhador intelectual tem por seu ofício. A seriedade com que encara seu público, a responsabilidade que sente por falar com tantas pessoas por meio de seus livros. A discussão de se existe uma divisão entre literatura para crianças e para adultos, e o papel do professor na difusão da leitura, são dois momentos que abordam questões centrais para os que trabalham com educação.

Na presente floração da literatura brasileira, Werner Zotz vem se afirmando como alguém que tem muito a dizer e sabe dizê-lo cada vez melhor. Agora é ler e discutir a entrevista deste brasileiro nascido em Santa Catarina, ler seus livros e crescer com eles.

1. *O que o levou a se tornar escritor?*

R — Não acredito em “instantes mágicos”, capazes de definir uma vocação. Esta escolha de vida pressupõe uma tendência, gosto, amadurecimento, treino, mesmo que não direcionados conscientemente. Aprendi a gostar de livros ainda criança. Lia muito, lia qualquer coisa. Na juventude tive sorte de ter o gosto direcionado pra literatura moderna e contemporânea. Daí a escrever foi quase um passo natural. Já estava na faculdade, em Curitiba, quando acompanhei um amigo pintor e ilustrador até à editora Paulinas. A editora reclamou muito da dificuldade para conseguir bons originais brasileiros de literatura infantil ou juvenil. Curiosidade espiciçada, li alguns dos livros publicados. Um pior que o outro. Acreditei poder escrever coisa melhor que aquilo. Um mês depois, entreguei os originais do “*Turuna*”. Foi aceito, publicado, estourou, vendendo em menos de um ano mais de cem mil exemplares. Isto aconteceu em 67. Até final de 68, mais três livros publicados. Em

* Escritor catarinense, autor de vários livros infanto-juvenis.

** Jornalista, crítica literária, especialista em Literatura Infanto-Juvenil.

dezembro deste ano, a catástrofe coletiva dos brasileiros não teria porque me poupar. Um novo livro que estava sendo lançado (*Terra dos meninos vermelhos*, contando a história de Cristo criança, com todos os diálogos extraídos do Novo Testamento) foi sumariamente recolhido. Por muitos anos, fui obrigado a me afastar (ou me afastaram) dos livros, numa espécie de exílio na própria terra. Em 76, voltei a escrever. Agora como uma opção. Além de precisar escrever, gostar de escrever, esta foi a forma que encontrei pra buscar também respostas pra minhas perguntas e dúvidas, procurar crescer e talvez dar minha contribuição ao crescimento de outros... De lá pra cá foram publicados o *Barco Branco em Mar Azul*, o *Semeadura*, o *Apenas um Curumim*, o *Não-me-Toque em Pé de Guerra*, o *Mamãe é Mulher do Pai* e o *Rio Liberdade*.

2. Como ocorreu a escolha do público juvenil?

R — Sempre escrevi pra ele. Basta ver que até hoje só publiquei um único livro dito “adulto”, o romance *Semeadura*. Gosto do que faço e pela reação dos leitores, parece que eles também gostam. Talvez não seja o caso de se explicar as coisas que se ama, mas de vivê-las intensamente...

3. Quando você escreve há uma preocupação com o público a que se destina?

R — Ao escrever, a preocupação primeira e única é comigo mesmo. E nem gosto da divisão dos leitores em infantis, juvenis, adultos. Se os primeiros não lêem qualquer livro, é porque não dominam inteiramente todos os mecanismos da leitura. Só por isto.

4. Então isto não interfere no seu processo de criação...

R — Ainda que soubesse que meus livros seriam lidos só por adultos, iria escrevê-los do mesmo jeito. Mesmo porque acho a simplicidade uma virtude e uma qualidade literária. Isto não tem nada a ver com uma possível “linguagem infantil” até porque as crianças não falam diferente dos adultos. Alguns deles é que têm a mania de colocar “inhos” e “zinhos” na boca das crianças, como se elas fossem débeis mentais.

5. Qual seu processo de criação?

R — Como não acredito em “instantes mágicos”, também dou pouco crédito à “inspiração”, preferindo falar em “capacidade criadora”. Antes de começar a escrever um livro, busco um tema. A escolha deste tema pode ser motivada por uma curiosidade, pela vontade de saber

mais sobre ele, conhecê-lo melhor, pela faculdade que ele tem de me fazer crescer, ou mesmo pela simples simpatia. Depois vou ver como este tema se faz presente e se apresenta nas nossas vidas. Imaginar situações, personagens, dar corpo a uma história é o passo seguinte. Não fosse este detalhe, escreveria teses e não ficção. Só então começo a escrever o livro. E o escrevo muitas vezes. No início, mais preocupado em saciar a vontade de aprender e a dar corpo ao enredo que, muitas vezes, muda de forma entre as diversas “refeituras”. O *Apenas um Curumin* era uma narrativa na 3ª pessoa, virou lembrança na 1ª pessoa, acabou contraponto do pensar diferente de duas pessoas. Por último, escrevo o livro mais uma ou duas vezes preocupado com sua simplicidade e sua forma literária. Como você pode ver, é muito mais trabalho, capacidade criadora, que inspiração, talvez presente num único instante, o da escolha do tema. Este trabalho de escrever um livro me ocupa, diariamente, entre 2 ou 3 horas. Por enquanto, ainda sou obrigado a exercer outra atividade pra garantir o sustento; daí escrever sempre à noite, e menos horas do que gostaria.

6. *Para você a literatura é importante? Por quê?*

R — Muito importante... Me faz bem, me faz crescer, me possibilita descobrir novos horizontes, alimenta a esperança de poder participar da vida da minha comunidade (gente da minha terra e do meu tempo) e poder contribuir — quem sabe — pra vivermos todos um tempo melhor.

A despreziosidade e irresponsabilidade com que muitos se lançam a escrever conseguem me irritar demais. A literatura é coisa muito séria e importante pra ser encarada como um passatempo de horas ociosas. Ultimamente, diversas pessoas têm me pedido pra encaminhar seus originais a editoras. Faço esta tarefa com satisfação, mas só depois do autor dos originais ter lido o *Guerra sem Testemunhas* e o *Evangelho na Taba*, os dois do Osman Lins. Se ainda assim aquele que pretende ser escritor não se sensibilizou a refazer três ou quatro vezes, pelo menos, seu original, é caso perdido, melhor desistir...

7. *Quais os critérios que você adota para julgar a qualidade de uma obra literária?*

R — É fundamental que um livro seja bem escrito. Sem esta característica não se pode afirmar que seja uma obra literária. No entanto, escrever bem é apenas um dos deveres do escritor. Simone de Beauvoir afirma que “toda obra literária essencialmente é uma procura. Além de um bom

texto, precisa ter uma estrutura, caracterizar-se como empreendimento...

8. *Tais critérios devem ser aplicados à literatura para jovens?*

R — Até com muito mais rigor. Não é porque um livro vai ser lido por jovens que ele pode ter menos qualidades. Daí também se constatar, infelizmente, que muitos livros, talvez até a maioria, destinados a este público não merecem a classificação de obra literária.

9. *Como o público tem recebido os seus livros?*

R — Se considerarmos venda dos livros, a receptividade tem sido muito boa: o *Apenas um Curumim* está em 10ª edição, com o detalhe que a tiragem de uma das últimas edições fica em torno de dez mil exemplares; o *Barco Branco em Mar Azul* foi pra 9ª edição; o *Rio Liberdade*, lançado no começo do ano, está praticamente com a 1ª edição esgotada... Mas muito mais de que pelas vendas, costumo analisar a receptividade pelas cartas que recebo, pelos comentários que ouço quando visito escolas e faculdades... Qualquer escritor sério busca conquistar leitores, não apenas consumidores!

10. *A crítica ajuda ou atrapalha?*

R — Infelizmente, cada vez mais, os jornais vivem a publicar releases de sobre livros. A crítica está desaparecendo. E nem estou pensando na crítica intelectualizada, acadêmica, mas sim num comentário próprio, resultado de um conceito pessoal. Até o “gostei” ou “não gostei” anda sumindo. No meu entender, a crítica ajuda, sim. Se não por outro motivo, pelo menos por fazer pensar, levantar dúvidas. É importante ser curioso, perguntador... Ninguém é dono da verdade...

11. *No seu entender, existem os “clássicos” da literatura para jovens?*

R — Até por volta de 1970 os livros brasileiros escritos pra crianças e jovens, à exceção de Monteiro Lobato, era muitos ruins. Sobravam os estrangeiros, nem sempre bem traduzidos. Ainda assim, se passam de geração a geração, continuando a encantar os jovens leitores, é porque têm características de uma obra literária. Por outro lado, entre os escritores brasileiros contemporâneos temos alguns que, sem dúvida, estão entre os melhores do mundo. E mesmo sendo recentes — em literatura, dez, vinte anos é pouca coisa — já se tornaram clássicos e é certo que sobreviverão ao tempo. Alguns: *A bolsa amarela*, da Lygia Bojunga Nunes; *De olhos nas penas e Do outro lado tem segredos*, da Ana Maria Machado; *O outro lado do paraíso*, do Luís Fernando Emediato; *Doze reis e a moça no labirinto do vento*, da Marina Colasanti;

O praça quinze, de Paula Saldanha... Gozado... buscando enumerar os livros juvenis é que a gente se dá conta que existem muito mais livros bons pra crianças menores. E também mais escritores, bons, escrevendo pra essa faixa etária: Ruth Rocha, Eliane Ganem, a própria Ana Maria Machado, o Wander Pirolli, Sylvia Orthof, Bartolomeu Campos Queirós, Joel Rufino dos Santos, Elvira Vigna, Ziraldo, Fernanda Lopes de Almeida...

12. *A televisão é aliada ou inimiga da leitura?*

R — Eu diria que o “modelo” adotado pela televisão brasileira é culturalmente ruim. Ingenuidade querer acabar com a televisão, mesmo porque alterada — pôde transformar-se num bem enorme. Melhor então lutar para colocá-la a serviço da cultura e da comunidade...

13. *De que forma a escola pode contribuir para desenvolver o gosto pela leitura?*

R — É preciso dizer que o gosto pela leitura só se adquire quando criança ou jovem. Num país como o nosso, os professores são a última oportunidade — talvez única — de se criar um possível leitor. Adotar livros em sala de aula é fundamental. Mas não é com José de Alencar e outros similares que uma criança ou jovem vai aprender a gostar de ler. Tanto a forma como o conteúdo devem proporcionar prazer, especialmente pra quem não tem o “vício” da leitura. Conhecer e estudar, posteriormente, a obra de um Machado de Assis é outra história. Além de colocar livro bom e certo na mão do jovem, é preciso esquecer a ficha de leitura e todos os conceitos que ela envolve. Livros não pode ser sinônimo de lição, de cobrança, de castigo. Ao contrário: por que não extrair dele prazer, descobertas, lições de vida, dúvidas, capacidade de pensar e crescer? Este é o caminho...

14. *A escola já contribui para isso?*

R — Recentemente, num seminário de literatura Infantil, em Curitiba, uma professora estava desesperançada. Dizia ela, depois de ter feito pesquisa, que menos de 30% dos professores adotam livros em sala de aula; os demais ainda continuam insistindo exclusivamente no ensino da gramática. Eu achei o resultado da pesquisa um avanço excelente. Há poucos anos, estes professores preocupados com a leitura não eram nem 5%. A literatura infantil passa, no Brasil, por uma fase de grande efervescência: a cada dia são publicados mais livros, e bons livros; seminários e cursos acontecem em todos os cantos do país; mensalmente, surgem novas livrarias especializadas; cadeiras específicas fa-

zem parte dos cursos de filosofia, nos mais diversos Estados. Eu acredito a maior parte deste mérito aos professores. Se os "gramaticos" ainda são maioria, existe, hoje, um número expressivo de professores maravilhosos que, a despeito de todas as adversidades enfrentadas, estão pondo em andamento uma verdadeira revolução cultural através da leitura...

15. *É importante ler muito ou a importância está em ler bem?*

R — A quantidade nunca substituiu a qualidade.

16. *Quais os autores que marcaram sua juventude? Ainda os considera importantes?*

R — Antes eu já disse que, fora Monteiro Lobato, não havia bons escritores brasileiros direcionando seus livros pros jovens. Por este motivo, e também porque eu lia muito e ainda porque não me proibiam (ou se proibiam, eu lia escondido) determinados livros, descobri o mundo e a gostosura de ler nas obras dos mais variados escritores, misturando-os aleatoriamente. Monteiro Lobato, Mark Twain, Érico Veríssimo, Jorge Amado, Karl May, Graciliano Ramos, David Wyss, Jack London, Ernest Hemingway... Ah, tem alguns que gosto de modo especial até hoje: Hemingway, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Monteiro Lobato...

17. *A pergunta clássica, para encerrar: caso tivesse de escolher 10 livros que levaria para uma ilha deserta, quais seriam?*

R — *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo; *Camilo Martágua*, do Josué Guimarães; *Quarup*, do Antônio Callado; *O Velho e o Mar*, do Hemingway; *Caravana de Destinos*, do John Steinbeck; *Cem Anos de Solidão*, do Gabriel García Márquez; uma *Antologia Poética*, do Pablo Neruda que contivesse, entre outros, os *Vinte Poemas de Amor e Uma Canção Desesperada*; *A Cidade de Alfredo Souza*, do José Angeli; *Vidas Secas*, do Graciliano Ramos; *A Bolsa Amarela*, da Lygia Bojunga Nunes... É claro que ia esconder na mochila, ainda que não levasse roupa nenhuma (a ilha é tropical, não?: e pra que roupa?) pelo menos outros dez livros (é, sei estar "furando" as regras do jogo, mas sempre fui um tanto anarquista...). não podendo esquecer: *Pai Mental*, do João Carlos Marinho; outro do Érico Veríssimo, *O Senhor Embaixador*; também mais um do Hemingway, *O Último Bom Lugar*; *Não Verás País Nenhum*, do Ignácio de Loyola Brandão; *Adeus, Velho*, do Antônio Torres; *Variante Gotemburgo*, do Esdras do Nascimento; outro do Josué Guimarães, *A Ferro e Fogo*; *Um Belo Domingo*, do Jorge Senprún; e também o...